

DEPURAÇÃO FLUIDA

Uma linha tênue separa o design da arte. Alguns profissionais estão mais próximos do universo multidisciplinar, como a tecnologia e a engenharia.

A designer Jacqueline Terpins expressa as ricas possibilidades da aproximação com a arte

Por Adélia Borges Fotos Andrés Otero

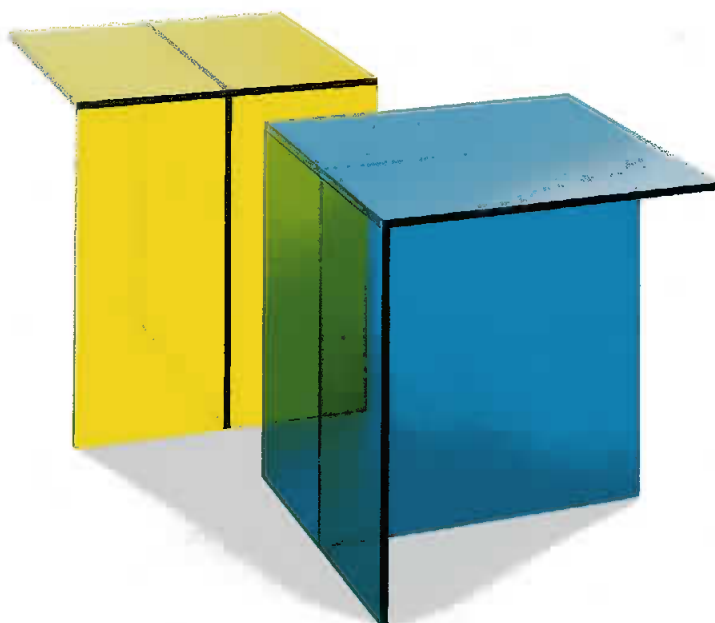
Ela tem uma inquietude interna que a impulsiona incessantemente a pesquisar, experimentar, ousar. Surgiu em artes visuais, atravessou a linha do design, passou a fazer objetos úteis. Trabalha com praticamente um único material: o vidro. Sobre o qual demonstra domínio absoluto. "O vidro possui vida própria e, mais importante, tem memória. Na manipulação, o artista pode agregar tensões a ele, mas isso pode fazer com que posteriormente, no forno de recozimento, ele se rompa. O vidro ensina, coloca limites que você precisa respeitar. É preciso paciência e muita técnica", diz, com a sabedoria da humildade frente à matéria-prima.

A paixão pela matéria surgiu em 1979 ao assistir a um curta-metragem mostrado pelo artista plástico Ivan Serpa, seu professor no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. "O filme era de um consulado, talvez tcheco. Mostrava sopradores de vidro trabalhando, sonorizado com música clássica". Imediatamente estreou no uso do vidro em sua primeira obra utilitária, o *Vaso gota*.

De mudança para São Paulo, foi trabalhar numa "praça de vidro" (numa fábrica de vidro, local onde se desenvolve a técnica do sopro). Compartilhando tanto a cana de ferro (tubo que passa de boca em boca) quanto a convivência com os vidreiros, foi-se ligando cada vez mais ao material. Não contente só com a prática, fez um curso sobre os fundamentos técnicos do vidro com Pierre Frisch, suíço radicado em São Paulo, e foi para os EUA estudar a técnica de sopro na Penland School of Arts and Crafts, North Carolina, e na renomada Pilchulk Glass







VIDRO SOBRE VIDRO

Na página anterior, *Vaso gelado III*, 2005, cristal soprado, 34x18cm. Acima, *Mesa componível pi*, 2002, vidro plano laminado, 72x70x70cm

School, em Seattle, fundada pelo papa do vidro contemporâneo, Dale Chihuly.

A partir de 1988, passou a atender a empresas: desenvolveu uma garrafa de licor para a Martini & Rossi, um vidro de perfume para a Giovanna Baby. Mas, ao mesmo tempo, perseguia a possibilidade de se expressar mais livremente na forma e passou a fazer pratos, vasos, cinzeiros, copos, toda sorte de objetos em vidro soprado. A marca inconfundível de seus objetos é a fluidez das formas. Nas suas criações, ela obtém curvas sensuais, não tanto por uma decisão apriorística, mas pela intimidade com o material. Diz que o que faz é "não atrapalhar o vidro, seguir o movimento da matéria para que ela própria se expresse em toda a sua beleza". É preciso "deixar o vidro falar... seus movimentos indicam caminhos, permitem o desenvolvimento de novas idéias".

Se conseguiu deixar o vidro "falar" nos objetos pequenos, ao aumentar a escala e passar a criar móveis, não encontrou a mesma facilidade, por falta de condições técnicas, no parque fabril brasileiro. Foi experimentar outros materiais. No início dos anos 1990, projetou cadeiras, mesas e camas para a Móveis Teperman, nas quais imprimiu as curvas sinuosas características de seu trabalho. Mas logo foi voltando, como enfeitiçada, para o vidro. Se não podia fazer móveis curvos com essa matéria-prima, passou a usá-la em placas. Ao mesmo tempo, impôs a si mesma um desafiador exercício de síntese. "Minha única exigência interna era não colocar





SOPROS

Na página anterior, *Vaso mole II*, 2005, cristal soprado, 30x16cm. Acima, *Vaso mole redondo*, 2006, cristal soprado, 23cm

outro material para fazer a junção que não fosse o próprio vidro. As peças não deveriam ter parafusos. Nada que atrapalhasse a sua transparência, leveza, refração. Eu queria o máximo de simplicidade, o vidro puro, vidro sobre vidro, interagindo com a luz”.

Sobrepor lâminas de vidro hiperplano foi o passo seguinte. Com elas construiu cubos e prateleiras do sistema modular Pixels, para estantes e *racks*, em combinações simétricas, parecidas com um jogo de montar. Até aí, tudo bem – estantes de vidro são relativamente comuns (embora não estantes feitas só de vidro). Em 2001, Jacqueline trouxe a público uma poltrona só de vidro. Quatro placas coladas, apenas. E dá para sentar? Não só dá como é confortável. E seguro, garante a designer. A peça pode suportar até 230 quilos. “O vidro laminado é um sanduíche formado por duas ou mais camadas de vidro, intercaladas por uma ou mais películas de polivinil, unidas por meio de um processo de pressão e calor”.

Jacqueline Terpins se expressa também com a cor. Em geral faz peças monocromáticas, variando da transparência à opacidade, mas há aquelas com jogos de cores – verde por fora, turquesa por dentro. Cores que são afins com a incandescência – âmbar, turquesa, laranja –, ela repete com pigmentos que se apresentam no forno. No caso de peças em vidro plano, as cores são obtidas com a colocação de uma gelatina no meio do sanduíche.

Com o vidro veio a descoberta do espelho. Criou produtos – aparador, porta-CDs, mesas – que brincam com geometria



**FLUIDEZ**

Na página anterior, *Prato planador*, 2002, cristal soprado, 58cm
 Acima, *Vaso lua*, 2004, cristal soprado, 26x25cm

Serviço

Estúdio Jacqueline Terpins

R. Gustavo Teixeira, 374, Pacaembu, São Paulo,
 tel.: 11 3872 4497, www.terpins.com

e ilusão de ótica, por meio do jogo de reflexos que iludem o observador e, por vezes, dão o efeito de caleidoscópio.

Um apanhado dessa trajetória foi apresentado na exposição *In Vitrum Veritas* (no vidro, a verdade, em latim), que realizamos no Museu da Casa Brasileira, em 2004. Foi uma das mostras mais comentadas desde que estou dirigindo essa instituição pública dedicada ao design e à arquitetura, uma justa homenagem a essa profissional que está na linha de frente do design brasileiro.

Desde o início, Jacqueline Terpins soube distinguir a diferença de domínios – arte é arte, design é design. Nos objetos feitos para serem usados pelas pessoas, nunca deixa de atentar para a função. “Não dá para fazer um copo que tenha a boca tão aberta que você vai babar quando usar”, afirma (parece óbvio que assim seja em objetos utilitários, mas nem sempre é). Nos trabalhos como artista plástica, liberta da utilidade, cria peças únicas, como os “sopros”, em cristal de potássio soprado e colorido, que apresentou na exposição *Cristal*, na Galeria Valu Ória, em São Paulo, em 1997; ou na instalação recente para a mostra *Safety Nest*, no Rio e em São Paulo. Em outras exposições, como a *Alvo* [1992], e a *Roda de gelo* [1993], ela saiu do calor do fogo para explorar o seu oposto: o gelo. São mostras fugazes, que derretem, e das quais só resta o registro em fotos e vídeo. Mas, seguramente, é nesse jogo de amarelinha imaginário, em que Jacqueline Terpins parece brincar, que ela vai encontrando alimento dentro de si para voltar a se superar e a nos surpreender. 